



Processos de integração litúrgico-cultural na Igreja primitiva do Japão

Processes of Liturgical-Cultural Integration in the Early Church of Japan

*Arthur Cesar de Carvalho Santana
José Gabriel Silva Kafa
Ricardo dos Santos Pessoa*

Resumo

O presente artigo expõe acerca dos princípios utilizados pelos missionários cristãos a fim de evangelizar o povo nipônico no período que abrange o século XVI e as primícias do século seguinte. Enviados a terras de forte cultura budista, fez-se necessário a incorporação dos valores cristãos por meios de processos graduais de adaptação, substituição e uniformização das práticas litúrgicas, sem que houvesse impacto negativo em sua dignidade. Principalmente por meio da liturgia batismal e dos defuntos, os jesuítas, em uma árdua missão, demonstram a possibilidade da conversão sem imposição, donde a cultura japonesa se torna aliada para fecundação do germe cristão. Torna-se claro, através do artigo, que uma saudável enculturação dos elementos próprios do ambiente sociocultural japonês não prejudicou a fé, antes promoveu uma maior inclinação de espírito por parte do povo nipônico à religião cristã. Deste modo, verifica-se o favorecimento da adesão à religião cristã proporcionado pelos princípios supracitados juntamente com a sacralidade da liturgia.

Palavras-chave: Liturgia. Cultura. Missão. Japão. Igreja.

Abstract

This article discusses about the principles used by the Christian missionaries to evangelize the Japanese people during the period that covers the 16th and early 17th centuries. Sent to a land with a strong Buddhist culture, it became necessary for the missionaries to incorporate Christian values through gradual processes of adaptation, substitution, and standardization of the liturgical practices, without negatively

impacting their dignity. Mainly through baptismal liturgy and funeral rites, the Jesuits demonstrated the possibility of conversion without imposition, using Japanese culture as an ally in the spread of the Christian faith. The article makes it clear that a healthy enculturation of elements from the Japanese sociocultural environment did not harm the faith; rather, it promoted a greater inclination of the Japanese people towards the Christian religion. Thus, the favorability of adherence to the Christian religion becomes, in fact, evident, through the aforementioned principles, along with the sacredness of liturgy.

Keywords: Liturgy. Culture. Mission. Japan. Church.

Introdução

“Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire” (Mt 5, 14-15a). Essa passagem da Sagrada Escritura revela o mais íntimo desejo deste artigo: desvelar em breves páginas a fascinante história dos princípios da Igreja e de sua liturgia no Japão, e demonstrar como a incorporação de elementos culturais nipônicos na vida litúrgica foi favorável ao processo de evangelização do país no século XVI.

Não é exagero olhar para a história da Igreja do Japão e comparar com a atividade primitiva da Igreja. Se não fossem as condições cronológicas e geográficas, estaria descrita nos mais célebres memoriais de História da Igreja, visto que a atividade evangelizadora no Japão, de modo geral, procurou imitar a dos Apóstolos – especialmente aquela iniciada por São Tomé na Índia, e retomada séculos depois por aquele que recebeu a alcunha de Apóstolo do Oriente: São Francisco Xavier.

A missão nas terras japonesas já em seus primórdios era considerada como uma das mais bem sucedidas da história. Para se ter ideia, em 1577, o cronista Pe. Organtino estimava que o Japão seria completamente cristão em 10 anos.¹ Hoje, sabe-se que isso não ocorreu, mas caminhava-se a passos largos para esta meta, graças a um conjunto de princípios litúrgicos que foram adotados como modelos catequéticos e pastorais pelos jesuítas, e que eram baseados na tríade “uniformidade-adaptação-substituição”.

O modelo em questão foi tão favorável que já em 1600 havia pelo menos 300 mil cristãos e 18 senhores feudais batizados.² Em 1628, porém, o cristianismo sofreu um grande revés, quando o *Shogun* Iemitsu Tokugawa, considerando o cristianismo um elemento fortemente subversivo, promulgou o desterro de todos os cristãos do Japão, permitindo somente o retorno daqueles que apostatavam. Internamente, adotou-se o budismo como a religião oficial do império, e fechou-se em definitivo qualquer relação com o ocidente.

¹ MANZANO, R. A., La cruz y la catana, p. 191.

² PALÁCIOS, H., Los primeros contactos entre el Japon y los españoles, p. 48.

Apesar da perseguição, o método de evangelização jesuítico mostrou-se muitíssimo eficiente com o passar dos anos, visto que a fé cristã foi capaz de se perpetuar ao longo de mais de duzentos anos,³ transmitida através de tradição oral, de modestas e clandestinas práticas litúrgicas, de uma limitada pregação da Palavra e sendo privada da ministração dos sacramentos (com exceção do batismo, administrado por leigos).

Diante dessa realidade, a perspectiva investigativa desse artigo é refletir sobre a importância dos princípios litúrgicos da uniformidade, adaptação e substituição no catolicismo japonês no período primaveril desta Igreja particular. Para alcançar este fim, o presente artigo conta com a seguinte estrutura: em sua primeira seção, dedica-se a apresentar as primícias da Igreja no Japão, discorrendo sobre o contexto e elementos essenciais da cultura nipônica. Na seção seguinte, trata da tríade litúrgica, base da inovadora e bem-sucedida prática evangelizadora da Companhia de Jesus. Na última seção, expõe concretamente as aplicações da mencionada tríade litúrgica nas principais cerimônias da Igreja japonesa: as liturgias de exéquias e de batismo. Como resultado desse caminho, é possível chegar a uma conclusão sobre a aplicabilidade de tais princípios para a enculturação e sobre a influência dos mesmos para que, trezentos anos mais tarde, a chama da fé ainda se mantivesse acesa, apesar da perseguição sofrida pela fé cristã naquelas terras, bem como sobre possíveis resultados positivos que podem ser obtidos através deles no âmbito do diálogo religioso.

1. As primícias da Igreja no Japão

A história da Igreja no Japão iniciou em junho de 1549 com a chegada da comitiva de São Francisco Xavier e de um prófugo japonês chamado Anjiro (Yagiuro), que um ano antes o procurou para ser batizado, após lhe terem negado o sacramento do batismo em razão de ser casado com uma mulher pagã. O batismo de Anjiro já dava provas de como seria a prática litúrgica, catequética e pastoral que o santo e a Companhia de Jesus adotariam no arquipélago, marcadamente caracterizada pela enculturação e abertura às práticas religiosas já conhecidas no país.

Esta proposta missionária, juntamente com o modelo societário vivido no país, foram fundamentais para o êxito inicial na missão japonesa, visto que os missionários logo perceberam que a mentalidade do país não era muito diferente daquela experimentada séculos antes na Europa, ou seja, a de uma sociedade fortemente feudal. Diante disso, S. Francisco Xavier e seus sucessores investiram em uma abordagem de cima para baixo, isto é, começando pelos poderosos, o que não apenas lhes permitia obter liberdade para pregar e certos privilégios tais como terras ou rendas, mas também os carregava com uma nova autoridade aos olhos dos súditos.

³ Com efeito, quando os japoneses reabriram suas fronteiras em 1865 após o Tratado de Kanagawa, o vigário francês Petitjean encontrou um grupo clandestino de cristãos japoneses, chamados kakure-kirishitan.

Diante desses aspectos, não demorou muito para que a missão jesuíta surtisse efeitos. Em 1569 já haviam mais de cento e vinte alunos nos seminários,⁴ como o de Arima, e outros nas casas de noviciado em Usuki e Funai, além de muitos adeptos a nova religião.

Parte desse sucesso pode ser creditado ao forte espírito cooperativo estimulado pelos jesuítas junto aos leigos. Em 1625 havia um contingente de 600 mil cristãos.⁵ Dentre estes, somente uns quarentas eram padres, e a maioria jesuíta.⁶ Assim, é perceptível que “desde os primórdios da Companhia, nunca faltou um grupo de leigos com o desejo de participar do espírito e das obras”.⁷ Esta participação laical possuía um caráter fortemente jurídico com fim específico de trabalhar no apostolado missional direto, e estes leigos tiveram papel decisivo na crescente religião, dentre as quais se destacam os irmãos da misericórdia⁸ – cujo ofício era visitar os pobres, enfermos e moribundos e repartir as esmolas aos moribundos; os *komonos*,⁹ cujo ofício era o doméstico; os *kambôs*¹⁰ – que são os responsáveis pelo cuidado das igrejas; as confrarias, congregações e a mais bem lograda entre as instituições, os dógicos (ou *dôjukus*).

Os dógicos merecem uma especial atenção, pois tiveram sua origem na religião budista: “são jovens que, para se tornarem posteriormente *bonzos*, são criados em suas casas, raspados e vestidos com roupas longas, embora diferentes das dos *bonzos*. Mesmo que esse seja considerado um grau inferior entre eles, ainda é considerado religioso no Japão”.¹¹ Os dógicos foram importantíssimos para a Igreja no Japão, realizavam “ofício de sacristão, de porteiro, de *chanoyuxa* [quem prepara o chá], de dar e tomar recados, de ajudar nas missas, nos enterros, nos batismos e em outras solenidades da igreja, e em acompanhar os padres e os que entre eles, também, ajudam a catequizar, a pregar e a ensinar os cristãos”.¹² Sua formação preliminar também era diferenciada e estudavam para isso “mais de 15 meses contínuos”¹³ e sua instituição se dava a partir de uma cerimônia onde se fazia uma espécie de tonsura com uma mecha de cabelo e na imposição de um roupão cumprido, além do compromisso público de guardar o celibato. Estima-se que em janeiro de 1603 havia no Japão 284 dógicos.¹⁴

⁴ JAPÔNICA Sinica (Jap. Sin.) 13, II, 258.

⁵ SANTOS, A., Las misiones bajo el patronato, p. 624.

⁶ LOPEZ-GAY, J., Las organizaciones de laicos en el apostolado de la primitiva misión del Japon, p. 18.

⁷ LOPEZ-GAY, J., Las organizaciones de laicos en el apostolado de la primitiva misión del Japon, p. 12, tradução nossa.

⁸ Chamados de *jihhi-yaku*, cujo término japonês significa ao encarregado (=yaku) da misericórdia (=jihhi); esta última palavra tem um profundo significado para o budismo japonês.

⁹ São os que cuidam dos ofícios domésticos, “os criados da casa” (VALIGNANO, A., Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues do Japão, p. 138).

¹⁰ O termo é budista e significa os “*bonzos* que cuidam” de um templo (Jap. Sin. 25, 44r.).

¹¹ LOPEZ-GAY, J., Las organizaciones de laicos en el apostolado de la primitiva misión del Japon, p. 12-13, tradução nossa.

¹² Jap. Sin. 2, 63v, tradução nossa.

¹³ Jap. Sin. 13, II, 33, tradução nossa.

¹⁴ CERQUEIRA, L., Histoire de la religion chrestienne au Japon depuis 1598, p. 47-48.

Soma-se a esses elementos importantes a conversão dos *daimôs*.¹⁵ Estes eram senhores feudais, possuidores de terras e de muitos vassalos e exerciam muita influência política sobre os líderes religiosos que já existiam ali. Muitos historiadores apontam como fatores determinantes para a conversão dos *daimôs*, a excelência retórica dos missionários, a influência comercial exercida pelas coroas portuguesa e espanhola, mas interessa a esse artigo explorar de modo especial um outro fator, a saber, alguns princípios litúrgicos que foram adotados como modelos catequético e pastoral pelos jesuítas e que desde os seus primórdios conquistaram os *daimôs*, tal como se pode constatar no caso do *daimô* Yoshitaka.¹⁶ Sobre esses princípios, trataremos na seção seguinte.

2. Tríade litúrgica

Conforme já exposto, a missão jesuíta no Japão do século XVI foi muito bem sucedida, mas é mister ressaltar que, diferentemente da estratégia usada nas Américas, a Companhia não desprezou os elementos da cultura local, especialmente da liturgia budista e xintoísta, por vezes ordenando-os, adaptando-os ou dando-lhes novo valor religioso. Este processo repousou na denominada tríade “uniformidade-adaptação-substituição”.

Entende-se por “princípio da uniformidade litúrgica” o espírito resultante das experiências do Concílio de Trento, e compreende um conjunto de medidas com a finalidade de padronizar determinado rito. É a “unidade da fé do povo cristão ou ‘um *sensus fidei*’”,¹⁷ isto é, “trata-se de um argumento apostólico: a unidade, refletida também em certa uniformidade litúrgica, na verdade”.¹⁸ Além disso, no caso da missão japonesa, a aplicação do princípio encontrou espaço na experiência negativa aprendida com o budismo.¹⁹ A esse respeito Valignano alega que “uma das principais razões que movem os japoneses a deixar suas seitas e adotar nossa lei é ver a diversidade que há entre os *bonzos* de mesmas seitas”.²⁰ Deste modo, ao descobrir o budismo no Japão tão dividido em inúmeras seitas e cada uma com o seu próprio cerimonial, a adoção da uniformidade litúrgica dos missionários “se apresentava como uma expressão concreta dessa uniformidade geral que supõe a unidade e leva à verdade”.²¹

¹⁵ Dentre as diversas conversões de *daimôs* entre os séc. XVI e XVII, destacam-se as dos *daimôs* de Kagoshima, Yamaguchi (*daimô* Yoshitaka), de Bungo (*daimô* Otomo Yoshishigue) e o *daimô* de Nagasaki (*daimô* Omura Sumitada, que posteriormente adotou o nome de Bartolomeu).

¹⁶ Importante *daimô* de Hirado que, após inicialmente rejeitar a atividade de São Francisco Xavier, impressionou-se com o exemplo moral que davam os padres com suas obras de caridade, atendendo os pobres e enfermos, e pelo fato de os missionários acolherem as tradições e ideias das sociedades japonesas ao invés de importar uma cultura europeizante (MANZANO, R. A., La cruz y la catana, p. 191).

¹⁷ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 12-13, tradução nossa.

¹⁸ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 10, tradução nossa.

¹⁹ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 10, tradução nossa.

²⁰ VALIGNANO, A., Sumario de las cosas de Japón, n. 143-145, tradução nossa.

²¹ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 12, tradução nossa.

Este princípio foi de suma importância para a missão e se expandiu, impactando na criação e na disciplina de seminários, de modo que “se inculcou o princípio de uniformidade na formação para que se refletisse mais tarde na uniformidade pastoral e litúrgica”,²² “para serem uniformes no governo do povo e não introduzirem simonias nos sacramentos e outros abusos e superstições, como é costume próprio dos *bonzos*”.²³ O resultado mais concreto da aplicação desse princípio, foi a criação em 1605, em Nagasaki, do *Manuale ad Sacramenta Ecclesiae ministranda* e que se tornou o ritual definitivo da missão do Japão.

Outro princípio fundamental para inserção do catolicismo no escopo cultural japonês, foi o denominado “princípio da adaptação litúrgica”. O princípio da adaptação litúrgica é uma postura de abertura ao contexto cultural de um povo a que se apresenta. Nas palavras de Valignano, a postura proposta pelo princípio foi a mesma que também tiveram “os santos apóstolos e mais prelados na Igreja primitiva para não sobrecarregar os cristãos e amedrontar os gentios”.²⁴ A este princípio importa compreender o dinamismo da realização da liturgia dentro de um país de missão, uma vez que se entende que “a liturgia não é um problema de arqueologia, mas sim uma participação na vida e na Igreja, capaz de ser assimilada. Sua primeira manifestação é uma busca por valores e dados, mesmo dentro do âmbito das religiões não cristãs, que possam ser imitados e adaptados”.²⁵ Na prática, pode-se dizer, também, que se trata de uma concessão “aos elementos litúrgicos puramente humanos, acessórios, detalhes ligados à tradição, que podem parecer estranhos e até ofensivos para os nativos em seu próprio ambiente cultural. Isso pressupõe uma atitude de humildade e respeito”.²⁶

Este princípio facilitou rapidamente a assimilação do culto na cultura nipônica. Por outro lado, causou estranheza às demais ordens que posteriormente foram adentrando ao território, especialmente as ordens mendicantes, gerando inúmeras críticas aos padres da Companhia. A esse respeito escrevia Frei Martín em 1597:

Com muita facilidade, dispensam as cerimônias e costumes que a Igreja tem usado desde o princípio até agora, e assim na administração dos sacramentos, muitas cerimônias foram deixadas [...] Deve-se saber que os padres da Companhia no Japão não ensinam os cristãos a rezar de joelhos, nem a levantar-se durante o Evangelho na Missa, nem a ajoelhar-se para adorar a Deus [...]. Quanto às festas e jejuns, a ordem que os Padres, que estão há quarenta e nove anos no Japão, guardavam até agora é que não impuseram a observância de nenhum domingo ou festa.²⁷

²² LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 13, tradução nossa.

²³ VALIGNANO, A., Sumario de las cosas de Japón, n. 179, tradução nossa.

²⁴ VALIGNANO, A., Sumario de las cosas de Japón, n. 139, tradução nossa.

²⁵ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 21, tradução nossa.

²⁶ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 17, tradução nossa.

²⁷ SOLA, E., Historia de un desencuentro, España y Japón 1580-1614, p. 20, tradução nossa.

Se entre os europeus as práticas japonesas causavam estranheza, entre os nativos parece ter havido uma enorme aceitação. Além do número crescente de conversões, símbolos cristãos eram facilmente encontrados nas cidades japonesas misturados aos elementos já conhecidos e que tiveram reflexos nas edificações e ornamentação das igrejas. A esse respeito, a orientação dada pelo visitador era clara: “assim como em todas as demais coisas é necessário que saibamos nos adaptar ao modo de proceder e aos costumes dos japoneses, assim também temos de nos adaptar na fabricação de nossas igrejas e casas”.²⁸ Mais tarde acrescentou:

Ambos os lados da capela devem ter *zashiki* no estilo japonês, de modo que, ao abrir as portas quando necessário, possa formar-se um corpo inteiro [...]. Em frente a todas as nossas igrejas, devem ser feitos pátios com suas galerias no estilo japonês e em frente às galerias deve-se fazer um lugar adequado e coberto onde sempre haja água para que aqueles que venham à igreja possam lavar os pés em tempos de lama [...] e outro *zashiki* ao lado da igreja para receber as mulheres.²⁹

O princípio da adaptação também impactou nos objetos litúrgicos e nos detalhes ornamentais das igrejas, conforme notou o Pe. Frois: “enquanto as nossas imagens são pintadas em madeira, as deles são em papel, [...], enquanto os ocidentais estimam muito as pinturas a óleo, essas são desconhecidas no Japão, onde uma figura em tinta negra vale muitos cruzados”.³⁰ A esses elementos, somam-se também os adornos, especialmente as figuras das tartarugas e dos pinheiros.

Outra consequência importante do princípio da adaptação foi a escrita dos nomes cristãos com caracteres chino-japoneses e com uma nova significação, como se verá adiante ao tratarmos da liturgia batismal, e a utilização da língua vernacular nas fórmulas sacramentais, “segundo as circunstâncias: o japonês literário (*bungotai*) ou o popular (*kogotai*)”.³¹

Por fim, temos o “princípio de substituição”. O princípio de substituição litúrgica é uma prática em que o significado original de festas ou rituais é substituído por novos significados, muitas vezes como uma resposta a mudanças culturais, sociais ou religiosas, incorporando o significado de novas crenças ou práticas e resultando em uma evolução da liturgia e da expressão religiosa. O princípio da substituição pressupõe não uma proibição, mas diante de uma contradição doutrinal, substitui-se o valor original. Eis um dos exemplos encontrados no cenário encontrado japonês: “os missionários encontraram no calendário religioso do Japão uma multiplicidade de

²⁸ VALIGNANO, A., Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues do Japão, o.c., 270, n. 146, tradução nossa.

²⁹ VALIGNANO, A., Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues do Japão, 279, n. 146, tradução nossa.

³⁰ FROIS, L., Contradiciones, o.c., 168, n. 28-29, tradução nossa.

³¹ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 34, tradução nossa.

festas das quais o povo não podia prescindir; estavam ligadas a uma longa tradição e integravam a vida social e nacional do país”,³² e quando resultava impossível escusar-se de alguma “teria que criar uma festa de cunho cristão que a substituísse”.³³

O princípio da substituição não era algo novo para a Igreja. Pelo contrário, a justificativa se apela para a Tradição, “imitando nisso o que alguns santos preladados fizeram, [...] lembra-se que a substituição foi introduzida pelos Papas, como a festa de Nossa Senhora das Candeias e a de São Pedro *ad Víncula* no primeiro dia de agosto, com a qual foi deixada de lado a que era celebrada por César Augusto.”³⁴ Um caso de sucesso no Japão foi a festa de Nossa Senhora da Proteção, conhecida no Japão como “*On-mamori no Santa María*”, que “foi instituída para substituir a festa do *Shôgatsu* no ano novo”,³⁵ e da cerimônia do chá (*chanoyu*).³⁶ O princípio da substituição litúrgica não se limitou somente às grandes solenidades. Com efeito, sabemos que penetrou em uma multiplicidade de casos, como nas representações, nas danças e até nas instituições civis, como é o caso dos dógicos.

3. Aplicações dos princípios nas principais cerimônias da Igreja japonesa

Ao traçar um olhar para a Tradição da Igreja Católica, verifica-se a prática dos sepultamentos e a liturgia dos defuntos como elemento fundamental e que torna visível o que outrora disse São Paulo à comunidade de Corinto: “preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor” (2 Cor 5, 8d). Neste viés, professa a Igreja que “a ressurreição de Jesus é a verdade culminante da fé cristã, anunciada como parte fundamental do Mistério pascal desde a origem do cristianismo”³⁷ e convida o povo de Deus, até os dias hodiernos, a “anunciar a fé na ressurreição”.³⁸ Assim, enquanto elemento indispensável da fé, a liturgia dos defuntos no século XVI, em terras japonesas, constituiu um marco e um método catequético singular.

Desde a antiguidade do povo japonês, o culto dos antepassados tomou parte na formação da sociedade e das leis civis. Certamente, “todos os seus ritos e costumes são tão diferentes dos das outras nações que não podem ser facilmente compreendidos e aprendidos em pouco tempo.”³⁹ Tal prática “era profundamente enraizada na

³² LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 34, tradução nossa.

³³ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 34-35, tradução nossa.

³⁴ VALIGNANO, A., Adiciones del sumario de Japón, n. 360-362, tradução nossa.

³⁵ LOPEZ-GAY, J., La Liturgia en la mision del Japon del siglo XVI, p. 36, tradução nossa.

³⁶ A cerimônia consistia na purificação das mãos e da boca e após passar por uma porta muito pequena, obrigava os guerreiros a agachar-se e despojar-se de suas armas e acessar o espaço chamado *chashitsu* convidando os participantes ao recolhimento e humildade (NIVON BOLÁN, R., *Sen no Rikyu* y Alejandro Valignano, p. 41).

³⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Instrução Ad resurgendum cum Christo, n. 2.

³⁸ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Instrução Ad resurgendum cum Christo, n. 2.

³⁹ VALIGNANO, A., Les Jésuites au Japon, p. 81, tradução nossa.

civilização do Japão”,⁴⁰ constituindo, assim, parte da mentalidade psicológica dos indivíduos. Esta postura influenciou diretamente na forte retração da população para a conversão à vida cristã, afinal, não os parecia a prática exequial ser executada com a devida importância pelos cristãos. Assim, no intuito de “tornar o cristianismo mais atraente para uma sociedade que estava apenas descobrindo-o”,⁴¹ a liturgia dos defuntos no Japão pagão, apesar de num primeiro momento contar com significados meramente de purificação e liberação da dor, foi terreno fértil para “ensinar e recordar as ideias fundamentais da mensagem cristã.”⁴²

Para tal reorientação do enraizado pensar japonês acerca da liturgia dos defuntos, utilizou-se dos pressupostos da teoria da substituição a fim de “identificar elementos rituais japoneses que possam ser incorporados ou adaptados à liturgia cristã sem ameaçar sua integridade doutrinária”.⁴³ Um dos exemplos da aplicação deste princípio na liturgia funeral foi a prática da esmola por parte dos novos cristãos. Na cultura arcaica japonesa, era costume ofertar moedas ao líder religioso para que se retirassem almas do inferno. A Companhia não aboliu este costume, mas o ressignificou não mais sob a ótica supersticiosa, não possuía o valor mágico de salvação, mas apenas como uma forma de se fazer memória das almas de seus parentes e antepassados.

A teoria da adaptação e substituição forma novamente o argumento principal para aceitar as ofertas que os japoneses fazem ao celebrar ou comemorar seus falecidos. Elas não têm o caráter de “estipêndio ou recompensa”, mas simplesmente de “costume”, que até então têm sido observados pelos *bonzos*. Essa aceitação do costume tradicional, mudando seu significado, contribuiu extraordinariamente para o esplendor da liturgia dos falecidos.⁴⁴

Sem dúvidas, erradicar as tradições japonesas não contava nos planos dos missionários jesuítas. Ao contrário, tentaram encontrar um ponto de equilíbrio entre o objetivo a longo prazo de integrar, por meio dos ritos, os japoneses na Igreja Católica e, ao mesmo tempo, salvaguardar sua cultura para que sirva de ajuda no processo de conversão do povo.⁴⁵ Nesta lógica, os jesuítas se esforçaram para distinguir “componentes teológicos e culturais dos rituais funerários, a fim de esclarecer tanto para os convertidos quanto para os missionários quais práticas poderiam ser aceitas e quais deveriam ser rejeitadas de acordo com a doutrina cristã”.⁴⁶

Paulatinamente, estes princípios foram capazes de elucidar o grande valor dado pelos cristãos aos defuntos, de tal modo que, a partir desta liturgia, conforme evidencia

⁴⁰ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 208, tradução nossa.

⁴¹ VU THANH, H., Between Accommodation and Intransigence, p. 110, tradução nossa.

⁴² LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 197, tradução nossa.

⁴³ VU THANH, H., Between Accommodation and Intransigence, p. 108, tradução nossa.

⁴⁴ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 202, tradução nossa.

⁴⁵ VU THANH, H., Between Accommodation and Intransigence, p. 112.

⁴⁶ VU THANH, H., Between Accommodation and Intransigence, p. 112, tradução nossa.

P. Gago, “os cristãos causam, assim, muita admiração aos gentios”.⁴⁷ E ainda, segundo outro missionário contemporâneo ao último, “muitos vêm atraídos parte por essa tradição de amor a seus defuntos, parte pelo testemunho dos cristãos”.⁴⁸ Além disso, fontes históricas atestam que a liturgia dos defuntos no início da evangelização japonesa do século XVI arrastou mais de três mil pessoas em sua primeira ocasião pública,⁴⁹ pois pela “fraternidade dos cristãos, que presta as mesmas honras aos mais pobres e aos ricos, e pelo modo como os sepulta com veneração, são muito edificados e afirmam que não há nada como a lei de Cristo, Nosso Senhor”.⁵⁰

Nestas cerimônias o papel do sacerdote era de grande relevância, cabia a ele a direção e participação. Contudo, nem todas as comunidades japonesas gozavam da presença do ministro ordenado. Reforçava-se, com isso, a importância dos missionários leigos com a sua devida aprovação pela Companhia. Impressionante é pensar que, apesar das reais dificuldades pastorais, “a importância da liturgia dos defuntos foi crescendo a cada dia e logo ocupou um lugar destacado dentro da legislação dos superiores da missão”,⁵¹ outorgando-lhe um rito descrito pelo P. Valignano:

Quando for levar o falecido de casa, o Padre com sobrepeliz e estola ou capa [...] e os outros ministros com sobrepeliz recitarão as orações do Batistério, e o mesmo farão no local do sepultamento quando desejarem enterrar, e quando aquele que for realizar o sepultamento, rezarão 3 *Pater Noster* e 3 Ave Marias e uma oração conforme está prescrito.⁵²

Deste modo, mais do que apenas um momento para acompanhar a dor dos parentes, a liturgia dos defuntos era momento de verdadeira manifestação da fé cristã no meio do povo japonês. Em todas as ocasiões, dos sepultamentos mais solenes aos mais simples, não desperdiçaram os missionários jesuítas a oportunidade do ensinamento querigmático e catequético, principalmente no ensinamento tangente à imortalidade da alma.⁵³ Assim, tais celebrações comunitárias tornavam-se fonte de conversão e aprofundamento da fé na medida em que as pregações dentro da liturgia exequial manifestavam o porquê de tão honradamente deveriam os corpos ser sepultados.

Ao verem os ritos fúnebres que realizamos, mostrando-lhes quanto é razoável enterrar o corpo com honra, pelo qual Deus é louvado e esperamos que será glorificado, fortalecem-

⁴⁷ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 220, tradução nossa.

⁴⁸ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 222, tradução nossa.

⁴⁹ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 222.

⁵⁰ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 222, tradução nossa.

⁵¹ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 225, tradução nossa.

⁵² LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 225-226, tradução nossa.

⁵³ LÓPEZ-GAY, J., La “preevangelización” en los primeros años de la misión del Japón, p. 289-329.

se muito, pois falavam mal da nossa fé ao verem os ritos fúnebres que foram feitos para seus pais ou filhos, vieram para se tornar cristãos, e isso acontece muitas vezes.⁵⁴

Outro grande exemplo de aplicabilidade dos princípios mencionados durante a evangelização do Japão pode ser encontrado na celebração do sacramento do Batismo. Dada a relevância como porta de entrada à religião cristã, convinha que este sacramento fosse administrado a todos quantos fosse possível, visto que já nos tempos da missão os jesuítas criam que “sem receber o batismo, mesmo uma boa pessoa não pode ser salva”,⁵⁵ como afirma Fabian Fucan, ex-catequista que apostatou no século XVII.

Apesar da boa recepção e do sucesso da missão no Japão, os missionários não deixaram de enfrentar grandes percalços na empreitada de administrar o batismo, e a primeira e mais evidente era a escassez de sacerdotes na missão, como exposto anteriormente. Consta-se que em 1590 havia no Japão um sacerdote para cada 6.000 cristãos.⁵⁶ A consequência litúrgica direta desta escassez de ministros ordenados foi o empenho por parte dos missionários em ensinar “a todos os cristãos, especialmente aos catequistas, o modo e a fórmula do batismo para que pudessem administrá-lo durante as longas ausências do sacerdote ou em casos de necessidade”.⁵⁷ Para atender a esta necessidade, o bispo Cerqueira instruiu no *Manuale ad sacramenta Ecclesiae ministranda* sobre a importância da instrução dos leigos por parte dos sacerdotes:

Para que não aconteça que alguma criança pereça para sempre sem Batismo, os párocos devem ensinar cuidadosamente a forma e o modo de batizar em casos de extrema necessidade, em cada uma de suas paróquias, pelo menos a alguns de seus paroquianos, tanto homens quanto mulheres, especialmente parteiras: as quais, porque estão obrigadas a saber isso em virtude de seu cargo, ocasionalmente serão cuidadosamente examinadas sobre este assunto. No entanto, é preferível instruir os ignorantes da língua latina na forma do batismo e a usá-la na língua vernácula do que na latina. E isso deve ser feito na linguagem vernácula da seguinte forma: *Soregaxi Deus Padre to, Filho to, Spiritu Santo to, mina uo motte nangi uo araitatematçuru nari*.⁵⁸

Nota-se aqui também a adaptação que não só permite o uso do idioma vernáculo para a celebração do sacramento do batismo num tempo em que todas as celebrações sacramentais deveriam ser realizadas em latim, mas ainda a preferência pelo uso da língua vernacular, de maneira que não apenas facilitasse a administração do sacramento por parte do leigo que o ministrasse, mas também promovesse frutos pastorais na vida do batizando. Esses apóstolos leigos a quem era incumbida a tarefa de batizar nos casos

⁵⁴ Jap. Sin. 4, f. 214r, tradução nossa.

⁵⁵ FUCAN, F., *Refutation of Deus*, p. 353, tradução nossa.

⁵⁶ LOPEZ-GAY, J., *La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI*, p. 79.

⁵⁷ LOPEZ-GAY, J., *La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI*, p. 75, tradução nossa.

⁵⁸ CERQUEIRA, L., *Manuale Ad Sacramenta Ecclesiae Ministranda*, n. 26, tradução nossa.

de necessidade eram os já mencionados *kambôs*, e necessitavam de uma licença para o ofício, segundo prescreve Valignano.⁵⁹

A estes cristãos leigos incumbidos da grandiosíssima missão de administrar o sacramento do batismo na ausência de sacerdotes, foi publicado por volta de 1593 um livro de instruções intitulado *Método para a administração do Batismo*, cujo título alternativo era *Byoja o tasukuru kokoroe* ou *Princípios para curar a doença*. Esse livro “deu instruções para os cristãos administrarem o batismo aos enfermos, sobre como administrar o último sacramento da unção aos moribundos, como preparar a confissão pelos enfermos e métodos para ajudá-los a alcançar verdadeira contrição”.⁶⁰

Ainda no tocante à administração do batismo, é possível destacar que uma das práticas mais significativas para a cultura japonesa é a da mudança de nomes. Com efeito, com muita alegria eles recebiam o nome cristão, pois remontava a costumes quase idênticos, muito populares, fruto da tradição budista do país. Na cultura japonesa, “quando alguém fazia profissão de se dedicar mais inteiramente à religião – neste caso ao budismo – tomava um nome novo”.⁶¹ Os nomes agora recebidos no batismo, por sua vez, “são os nomes de bons homens e mulheres do passado que estavam de acordo com a vontade de Deus, e são dados para que cada um possa contar com eles como intercessores diante de Deus”.⁶² Estes nomes poderiam ser escritos em caracteres chinos-japoneses, mesmo que os nomes adotados fossem originalmente ocidentais.

A adoção de novos nomes gerou, no entanto, pequenos problemas nos primeiros anos: muitos deles eram difíceis de se pronunciar no idioma japonês. Esse entrave resultou numa nova concessão aos cristãos japoneses, que permitia que alterassem seu nome cristão depois de alguns anos. Por essa razão, muitos optavam por outros nomes após o recebimento do sacramento da confirmação.⁶³

O princípio de adaptação foi ainda aplicado à cerimônia do batismo quando, na ausência de bispos em terras japonesas para a consagração dos santos óleos, foi permitida a utilização de óleos antigos à Igreja da Índia e ilhas adjacentes – o que incluía a missão no Japão.⁶⁴ No entanto, como ainda assim a quantidade de óleo não seria suficiente para suprir a alta demanda, ficou estabelecido que, mesmo que excepcionalmente houvesse óleo disponível, não deveria ser utilizado no batismo, a fim de que os que não tivessem sido unguídos não pensassem que não foram bem batizados. Além disso, o senso de pudor japonês tornava de certo modo inviável a unção com os santos óleos no batismo, pois lhes parecia muito indecente desnudar o peito e as costas de homens e mulheres nobres.⁶⁵

⁵⁹ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 78.

⁶⁰ GONOI, T., The Jesuit Mission and *Jihi no Kumi* (Confraria de Misericórdia), p. 129, tradução nossa.

⁶¹ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 90, tradução nossa.

⁶² FUCAN, F., Refutation of Deus, p. 352, tradução nossa.

⁶³ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 92.

⁶⁴ PAULO III, PP., Ex Injuncto Nobis, 2, p. 286.

⁶⁵ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 102-103.

Cabe acrescentar que a cultura japonesa, permeada por uma extrema preocupação com a limpeza e a higiene, levou à adoção de certas adaptações na celebração batismal, a fim de que o povo não estranhasse, como a não imposição da saliva no nariz do batizado ou, se possível, que o sacerdote tocasse com o polegar a boca, traçando em seguida uma cruz no nariz e outras duas nas orelhas do batizado, conservando o rito de dizer as palavras *Ephata*, segundo o previsto no ritual.⁶⁶

Outra adaptação advinda da necessidade de prezar pelo pudor e pela higiene se dá pela permissão para que as cruces, que o ritual manda traçar sobre o coração do batizado, sejam traçadas sobre as vestes. Além disso, onde se manda que o sacerdote ponha o sal na boca do batizado, torna-se possível que o sacerdote o dê com uma pequena colher nas mãos do mesmo, caso seja adulto, para que tome o sal por si mesmo. No caso de serem muitos os que recebem o batismo numa mesma cerimônia – o que era comum, pois fazia parte da estratégia de evangelização dos jesuítas para a missão do Japão⁶⁷ – seria possível contar com a ajuda de ministros (sejam Irmãos ou *dojukus*).⁶⁸

Convém ressaltar que essas adaptações não se davam de maneira arbitrária, ao bel-prazer de cada missionário. Com efeito, elas deveriam “guardar ‘certa uniformidade litúrgica’, e seguir um ritual que se havia imposto no Japão”⁶⁹ a partir das práticas supramencionadas. Deve-se ainda destacar que, apesar das necessidades exigirem diversas adaptações, os missionários não deixavam de se preocupar com a observância dos ritos prescritos pelo ritual do batismo, e frisavam a importância de ir acostumando os japoneses a não estranhar as cerimônias da Igreja, que consideravam conveniente ir acrescentando aos poucos.⁷⁰

Conclusão

A partir daquilo que foi exposto ao longo do artigo é possível chegar à conclusão de que os princípios de adaptação, uniformidade e substituição foram de grande valia para a evangelização na missão em terras japonesas. Com efeito, a enculturação saudável de elementos próprios da cultura nipônica, longe de gerar prejuízos à fé católica e à doutrina da Igreja, favoreceu a aceitação do cristianismo por parte dos japoneses.

Ao analisar as duas principais ocasiões em que esses princípios se manifestavam (as celebrações de exéquias e do batismo), ficou evidente a efetividade e o método de aplicação de tais princípios na prática. Sinteticamente, é possível afirmar que nas celebrações de exéquias predominou a aplicação do princípio de substituição,

⁶⁶ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 107.

⁶⁷ D’ORTIA, L. Z.; DOLCE, L.; PINTO, A. F., Saints, Sects, and (Holy) Sites, p. 79.

⁶⁸ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 107.

⁶⁹ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 96.

⁷⁰ LOPEZ-GAY, J., La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI, p. 107.

incorporando na liturgia elementos culturais japoneses (sobretudo provenientes do budismo), e nas celebrações do batismo foi mais presente o princípio da adaptação, pelo qual se adequava a liturgia à cultura daquele povo que se buscava evangelizar, de maneira a não gerar escândalo e ganhar para Cristo o maior número de almas. A principal constatação é, portanto, que a adoção de tais princípios foi positiva para a evangelização do povo nipônico e a sacralidade da liturgia não foi comprometida.

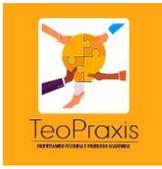
A aplicação dos princípios contidos na tríade litúrgica não só destaca a singularidade dos povos, como também leva ao reconhecimento da identidade pessoal e da história que cada ser humano traz. É, portanto, através desse reconhecimento e da aplicação correta destes princípios de adaptação, uniformidade e substituição, que a Igreja é capaz de gerar uma identificação entre pessoa e cristianismo: o homem é capaz de reconhecer-se acolhido e assumido como parte de uma comunidade de fiéis que o convida, ao mesmo tempo, a reconhecê-la como sua e abraçar o chamado de Cristo a uma vida com Ele, por Ele e n'Ele.

A própria Igreja do Japão é testemunha da eficácia desse reconhecimento da identidade pessoal e coletiva quando constatamos que a identificação entre o cristão japonês e sua fé foi tão forte que fez com que a fé continuasse a se perpetuar, mesmo durante o período de mais de duzentos anos em que o cristianismo foi perseguido em terras nipônicas, durante o período que abarca todo o xogunato Tokugawa (1603-1868) até 1873, em princípios da Era Meiji (1868-1912).

Ao trazemos as análises aqui realizadas para nossos tempos, podemos concluir, que, apesar das missões que a Igreja hoje realiza não serem, de maneira geral, em locais e culturas semelhantes ao Japão do século XVI, a aplicação dos princípios apresentados pode gerar resultados extremamente significativos para o ganho de almas, se os missionários de hoje considerarem o povo que se busca alcançar em sua totalidade, ou seja, em sua extrema riqueza de cultura, hábitos, organização social e modo de enxergar o mundo. De fato, a história comprova que a adoção desse método gera mais frutos de evangelização que a imposição à força do Evangelho e pode, certamente, colaborar com a Igreja do século XXI no âmbito do diálogo inter-religioso ao fomentar uma visão otimista de que a diversidade religiosa pode ser abraçada com caridade, tratada de maneira não violenta e prevendo a possibilidade de incorporação de elementos que não contradizem a fé e, simultaneamente, são capazes de estender a mensagem salvadora de Cristo aos diversos povos do mundo e às diversas religiões. Assim, pode-se chegar a um caminho eficaz para alcançar os corações humanos em diferentes contextos.

Referências bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 11. impr. São Paulo: Paulus, 2016.



BOLÁN, Raúl N. Sen no Rikyu y Alejandro Valignano: El principio del cristianismo y la ceremonia del té em Japón en el siglo XVI. **OIU jornal of internacional studies**, v. 2, n. 17, p. 37-50, 2004.

CERQUEIRA, Luis. **Manuale Ad Sacramenta Ecclesiae Ministranda**. Nagasaki: [s. n.], 1605. Disponível em: <<https://archive.org/details/JapSin-I-207>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução Ad resurgendum cum Christo**: sobre a sepultura dos defuntos e a conservação das cinzas em caso de cremação. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.

D'ORTIA, Linda; DOLCE, Lucia; PINTO, Ana Fernandes. Saints, Sects, and (Holy) Sites: The Jesuit Mapping of Japanese Buddhism (Sixteenth Century). In: CURVELLO, Alexandra; CATTANEO, Angelo (Orgs.). **Interactions Between Rivals: The Christian Mission and Buddhist Sects in Japan (c. 1549-c.1657)**. Berlin: Peter Lang Editora, 2021. p. 67-106.

FROIS, Luis. Contradictions. In: GARCIA, José Manuel (Ed.). **Cartas que os Padres da Companhia de Iesus escreverão dos reynos de Iapão e China aos da mesma companhia da Índia e Europa des do anno de 1549 até o de 1580**. Maia: Cotovia, 1997.

FUCAN, Fabian. Refutation of Deus. **Contemporary Religions in Japan**, v. 3, p. 351-370, 1962.

GONOI, Takashi. The Jesuit Mission and Jihi no Kumi (Confraria de Misericórdia). **Transactions of the Japan Academy**, v. 72, n. Special Issue, p. 123-138, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.2183/tja.72.Special_Issue_123>. Acesso em: 24 abr. 2024.

JAPÔNICA Sinica I-IV. Armonk, NY: M.E. Sharpe, 2002.

LÓPEZ-GAY, Jesús. La “preevangelización” en los primeiros años de la misión del Japón. **Missionalia Hispanica**, v.19, p. 289-329, 1962.

LOPEZ-GAY, Jesús. **La liturgia en la misión del Japón del siglo XVI**. Roma: Universidad Gregoriana, 1970.

LOPEZ-GAY, Jesús. Las organizaciones de laicos en el apostolado de la primitiva misión del Japón. **Archivum Historicum Societatis Iesu**, v. 36, n. 71, p. 3-31, jan./jun. 1967.



MANZANO, Ainhoa R. **La cruz y la catana**: relaciones entre España y Japon (Siglos XVI-XVII). La Rioja, 2014. 583p. Tesis. Facultad de Letras y de la Educación, Universidad de La Rioja.

PALÁCIOS, Héctor. Los primeiros contactos entre el Japón y los españoles: 1543-1612. **México y la Cuenca del Pacífico**, v. 31, n. 11, p. 35-57, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=433747601003>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PAULO III, Papa. Ex Injuncto Nobis. In: JORDÃO, Levy Maria (Org.). **Bullarium patronatus Portugalliae regum in Ecclesiis Africae, Asiae atque Oceaniae, Bullas, Breviae, Epistolas, decreta atque Sanctae Sedis ab Alexandro III ad hoc usque tempus amplectens**. Lisboa: Olisipone, 1868.

SANTOS, Ángel H. **Las misiones bajo el patronato**. Madrid: EAPSA, 1979.

SOLA, Emilio. **Historia de un Desencuentro, España y Japón 1580-1614**. Archivo de la Frontera: e-libros, 2012.

VALIGNANO, Alejandro. **Adiciones del sumario de Japón**. Tokyo: Sophia University, 1954.

VALIGNANO, Alejandro. Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues do Japão. 1581. In: SCHUTTE, Josef F. (Ed.). **Il Cerimoniale per i missionari Del Giappone**: Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues do Japão. Roma: Instituto Grafico Tiberino, 1946.

VALIGNANO, Alejandro. **Les Jésuites au Japon**. Paris: Desclée De Brouwer, 1990.

VALIGNANO, Alejandro. Sumario de las cosas de Japon. In: TALADRIZ, José Luís A. (Ed.). **Monummenta Nipponica Monographs**. Tokyo: Sophia University, 1954.

VU THANH, Hélène. Between Accommodation and Intransigence: Jesuit Missionaries and Japanese Funeral Traditions. **Journal of the Lucas Graduate Conference**, v.2, p.108-124, 2014.

Arthur Cesar de Carvalho Santana

Graduando em Teologia na Universidad de Navarra
Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
E-mail: arthurcesarsantana@gmail.com

José Gabriel Silva Kafa

Graduando em Teologia na Universidad de Navarra
Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
E-mail: gabriel.kafa1@gmail.com



ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2025v5n9a06

Ricardo dos Santos Pessoa

Graduando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

E-mail: rdsp.adm@gmail.com

Recebido em: 29/04/2024

Aprovado em: 15/07/2025